



***PETRE, PATER PATRUM, PAPISSÉ PRODITO PARTUM*: tradução dos fragmentos da primeira documentação referente à ‘papisa’ Joana**
***PETRE, PATER PATRUM, PAPISSÉ PRODITO PARTUM*: translation of the fragments of the first documentation of the ‘pope’ Joan¹**

Dominique Vieira Coelho dos SANTOS²

Camila Michele WACKERHAGE³

Resumo: O artigo em questão tem o objetivo de apresentar, pela primeira vez, em português brasileiro, uma tradução, acompanhada do texto em latim, dos três primeiros fragmentos documentais que mencionam a “Papisa” Joana. Trata-se de um pequeno trecho da *Chronica Universalis Mettensis*, de Jean de Mailly, primeiro a mencionar a Papisa; *Chronicon Pontificum et Imperatorum*, documento de autoria de Martin de Opava, que dá continuidade a este relato; e, por fim, as linhas do *De Septem donis Spiritus Sancti*, ou *Tractatus de diversis Materiis Praedicabilibus*, como será chamado aqui, escrito por Stephanus de Bourbon, que mencionam Joana. Acompanham a tradução algumas reflexões de caráter historiográfico e uma breve introdução aos estudos de gênero no Medievo. Diferentemente de outros países, a Papisa ainda é pouco estudada no Brasil. No entanto, ainda que ficcional, a personagem pode nos auxiliar na compreensão do *imaginarium* social relacionado ao contexto de produção destes documentos. Traduzindo as obras mencionadas, esperamos colaborar para ampliar as possibilidades de pesquisa sobre a Papisa.

Palavras-chave: Papisa Joana – Narrativa – Representação – Igreja – Tradução.

¹ Esta publicação é fruto do projeto de pesquisa 668/2012 “Culturas, fronteiras e identidades: repensando a Idade Média entre o Mediterrâneo e o Mar da Irlanda”, subsidiado pela FURB – Universidade de Blumenau por meio de sua Pró-Reitoria de Pesquisa.

² Professor titular de História Antiga na Universidade de Blumenau-FURB e Coordenador do *Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais* (www.furb.br/labeam).

³ Acadêmica do Curso de História da Universidade de Blumenau-FURB e pesquisadora do *Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais* (www.furb.br/labeam).



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Abstract: This article's aim is to present for the first time in Brazilian Portuguese, a translation, accompanied by the Latin text, the first three documents to mention 'Pope' Joan. They are a small excerpt from *Chronica Universalis Mettensis*, wrote by Jean de Mailly, the first to mention the Popess; *Chronicon Pontificum et Imperatorum*, document authored by Martin of Opava, which continues this report, and, finally, the lines of *De Septem donis Spiritus Sancti*, or *Tractatus de diversis Materiis Praedicabilibus*, as it will be called here, written by Stephanus de Bourbon, who also mention Joan. Also some historiographical reflections are made altogether with a brief introduction to gender studies in the Middle Ages. Unlike other countries, the Popess is still poorly studied in Brazil. However, even being a fictional character, this figure may assist us in understanding the social *imaginarium* related to context where these documents were produced. By translating the mentioned works, we hope to cooperate to enlarge the possibilities of researching on the Popess.

Keywords: Popess Joan – Narrative – Representation – Church – Translation.

ENVIADO: 10.10.2013

ACEITO: 15.10.2013

Introdução

A produção do conhecimento histórico está relacionada com análises muito mais amplas do que a emissão de sentenças duais que tentam categorizar o passado entre “mentira” e “verdade”, “mito” e “história”, “ficção” e “realidade”. A própria noção de “fato histórico” é algo complexo e o debate relacionado a esta questão é amplo na historiografia. As últimas páginas desta discussão tem nos convencido de que não é possível uma história total e definitiva, como já se acreditou antes; ao contrário, o campo está sempre aberto para novos olhares, investigações, e perspectivas.⁴

⁴ BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988; BIETENHOLZ, PETER G. *Historia and Fabula: myths and legends in historical thought from antiquity to the modern age*. Brill, 1994. p. 97-107; BREISACH, Ernert. *Historiography: Ancient, Medieval, and Modern*. Chicago Press, 2007; GUARINELLO, Norberto. Uma morfologia da história: as formas da História Antiga. *Politeia: hist. e soc. Vitória da Conquista*, Vol. 3, nº 1, p. 41-61, 2003. HAYDEN WHITE. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 2001. LIMA, LUÍS COSTA. *A Aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

A cada geração, os mais variados tópicos são revisitados e reinterpretados, pois é preciso refletir sobre os diversos sentidos que um determinado acontecimento possa ter, a crença na possibilidade da apresentação do passado *wie es eigentlich gewesen* não goza mais do mesmo grau de aceitabilidade que no século XIX. Isto significa que os “fatos” não são independentes da narrativa que os sistematiza, o que não impede que o conhecimento histórico produza verdades e certezas de caráter relacional.⁵

Uma vez que a infinidade de coisas que ocorreram no passado não se transforma em História por conta própria, as preocupações mais recentes, como as do historiador alemão Jörn Rüsen, por exemplo, tem se concentrado mais em compreender como surge, então, dos feitos a História. Assim, a difícil tarefa de elaborar uma narrativa que contemple estas questões e não se limite a uma constelação de duplos é parte do ofício do historiador.⁶

Joana, que teria sido a única mulher a exercer o cargo máximo do sacerdócio da Igreja Católica, nunca teve sua existência histórica comprovada, ela é um fenômeno da imaginação de alguns escritores medievais. Todavia, não podemos pretender que a questão seja simplesmente abandonada por causa disso. Trata-se de uma personagem que foi mencionada pela primeira vez em relatos do século XIII. Desde então, a “Papisa” Joana, como tem sido chamada, se tornou bastante conhecida e aparece em inúmeras referências. Boccaccio, por exemplo, em sua obra *De Mulieribus Claris*, fala sobre ela; um outro texto intitulado *Chronica de le Vite de Pontefiçi et Imperatori Romani*, atribuído à Petrarca, também a menciona; ela esteve presente em várias discussões protestantes, fomentando os argumentos anti-católicos daqueles que estiveram ligado à reforma; a personagem chegou até obras da contemporaneidade, Bertold Brecht, por exemplo, a incluiu em um de seus trabalhos (*Werke*. Bd. 10), ela aparece também em romances e até mesmo nas telas de cinema.

Ou seja, a Papisa tem sua existência assegurada na fragmentada memória vinculada aos inúmeros questionamentos e problemáticas relacionadas com a

⁵ MARTINS, Estevão Rezende. Veritas filia temporis? O conhecimento histórico e a distinção entre filosofia e teoria da história. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 34, p. 5-34, 2009.

⁶ Cf. a Trilogia sobre Teoria da História do autor. RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história I: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília (DF): Ed. da UnB, 2010. 194 p.; RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado: teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília (DF): Ed. da UnB, 2010. 187 p.; RÜSEN, Jörn. *História viva: teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília (DF): Ed. da UnB, 2010. 159p.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

História do Cristianismo e da Igreja. O conjunto das referências que mencionam a personagem forma uma tradição que por si só já merece ser contemplada pela análise historiográfica. Além do que, Joana não é o único nome presente em livros de História figurando ao lado de termos como: “mito”, “ficção”, “invenção”, “criação da mente humana”. Outros personagens que também já tiveram, e/ou ainda tem, sua existência histórica questionada são Gilgamesh, Sócrates, Homero, Jesus e Shakespeare, cada um vinculado a questionamentos específicos, e que nem por isso deixam de ser estudados, pois todos os fenômenos humanos ocorridos no passado dos quais temos registro documental interessam ao historiador.

Nosso objetivo neste artigo não é discutir esta dicotomia mito/história, e defender qualquer tese sobre a Papisa Joana. Da mesma forma, também não é nossa intenção localizar, coletar, reunir e apresentar um conjunto sistemático destes argumentos tais quais eles aparecem no *corpus* de textos que faz referência à personagem. A intenção deste trabalho é fornecer uma tradução, acompanhada do texto em latim, dos três primeiros fragmentos documentais que mencionam a Papisa Joana.

Ou seja, pequenos parágrafos que não ultrapassam mais que um conjunto de linhas, porém, ainda sem tradução para o português brasileiro, pois não foram reunidos de forma sistemática em uma publicação. Trata-se de um pequeno trecho da *Chronica Universalis Mettensis*, de Jean de Mailly, primeiro a mencionar a Papisa; *Chronicon Pontificum et Imperatorum*, documento de autoria de Martin de Opava, que dá continuidade a este relato; e, por fim, as linhas do *De Septem donis Spiritus Sancti*, ou *Tractatus de diversis Materiis Praedicabilibus*, escrito por Stephanus de Bourbon, que também descreve Joana. No próximo tópico, uma breve introdução aos estudos de gênero no Medieval. Logo a seguir, apresentamos uma proposta de tradução das obras mencionadas.

I. Breves considerações sobre historiografia, gênero e Idade Média

A historiografia das mulheres só foi possível pelos diálogos criados pela nova história social, antropologia, e os debates feministas. Lembrando-se que desde o século XIX havia mulheres e feministas debatendo e questionando o papel da mulher na sociedade, porém, não havia ainda uma história, as mulheres estavam à margem da historiografia, de uma forma geral, a história era apresentada em formato masculinizado, a mulher assumia um papel secundário. Surge então, nos



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

anos 60, a “história das mulheres”, em meio a sua emancipação, o uso do anticoncepcional e as minissaias.

Duas historiadoras têm presença notável e grandes contribuições para a chegada, ou a inclusão, das mulheres nos discursos historiográficos e acadêmicos: Michelle Perrot e Joan Scott, que pesquisaram as operárias na França do século XIX. A segunda escreveu, por exemplo, um artigo muito importante, intitulado “Gênero uma categoria útil de análise histórica”, que forneceria novas perspectivas a este campo de estudo que estava se formando.⁷

Também é importante uma palavra sobre alguns dos diversos problemas relacionados com a escrita da história tendo como objeto as mulheres e uma historiografia relacionada com os estudos de gênero.

O primeiro deles diz respeito ao fato de que com relação à história das mulheres, mais especificamente na Antiguidade e na Idade Média, ao nos depararmos com os documentos que retratam personagens femininos destes dois períodos, o que lemos é, na verdade, em sua grande maioria, um conteúdo apresentado por autores do sexo masculino. Ou seja, são homens que pensam, escrevem e reproduzem representações sobre estas mulheres. É o caso da Papisa Joana, por exemplo.

Outra dificuldade é separar os usos que o discurso feminista faz de diversas personagens consideradas importantes ao longo da história. Cleópatra, Hatshepsut, Medéia, Helena de Tróia, Hypatia, Joana D’arc e a Papisa são algumas menções frequentes em textos desta natureza. No caso desta última, foco de interesse deste artigo, o discurso feminista se faz muito presente. O romance da autora estadunidense Danna Woolfook Cross, por exemplo, nos mostra um cenário de um Medievo de trevas, ignorância e obscuridade, em que a Papisa Joana se torna uma heroína, a única que foi contra a sociedade patriarcal e ignorante que existia. Nesta obra, ela é a luz, que rompe com toda a escuridão da ignorância com seu invejável conhecimento e sabedoria, algo que nem a temida Igreja católica foi capaz de deter.⁸

⁷ SANTOS, Dulce OLiveira A. Caminhos e atalhos da historiografia sobre as mulheres medievais. *História Revista (UFG)*, Goiânia, v. 2, n.2, p. 69-78, 1996.

⁸ CROSS, DONNA WOOLFOLK. *Pope Joan*. Three Rivers Press, New York, 1999.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Mesmo entre historiadores e outros estudiosos do campo das ciências humanas ainda é possível ouvir referências negativas à Idade Média. Apesar de estudos mais recentes tentarem separar o período desta imagem depreciativa, este é um problema que permanece. Fora da academia, as imagens que insistem nesta caricatura da Idade Média ainda são frequentes, sobretudo no cinema, que acostumou-se a apresentar ora um período de mil anos dominado pela religião, barbárie, pestes e medo; ora uma época dourada, repleta de castelos, princesas e magos.⁹ Por isso, desde que Regine Pernoud escreveu *Pour en finir avec la Moyen Age*, que foi traduzido por “O mito da Idade Média”, em português de Portugal, e como “Idade Média – o que não nos ensinaram”, em português brasileiro¹⁰, inúmeras obras tem sido dedicadas a combater idéias desta natureza, basta recorreremos, à Jacques le Goff, para um exemplo. O leitor que pretenda investigar mais a este respeito encontrará mais recomendações bibliográficas no trabalho do medievalista francês.¹¹

No que diz respeito à história das mulheres, esta reflexão sobre Idade Média interessa porque estas tem sido vítimas deste tipo de representação.¹² Ocorre que como o período é apresentado como sendo de “trevas”, “ignorância” e “controle da Igreja”, obviamente as mulheres ou aparecem pouco ou são caracterizadas como inferiores.¹³

Esta temática é tratada com profundidade na obra organizada por Stephen Harris “Misconceptions About the Middle Ages.”¹⁴ Nela, encontram-se 3

⁹ MACEDO, José Rivair; MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *A Idade Média no Cinema*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

¹⁰ PERNOUD, Régine. *Idade Média: o que não nos ensinaram*. Rio de Janeiro: Agir, 1994. PERNOUD, Regine. *O mito da Idade Média*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.

¹¹ LE GOFF, Jacques. *Para uma outra Idade Média- Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente*. Petrópolis: Vozes, 2013 Cf. também: HOLLISTER, Warren. The Phases of European History and the Nonexistence of the Middle Ages. *Pacific Historical Review*, v. 61, n. 1, p. 1–22, feb., 1992; POWER, Daniel. *The Central Middle Ages: Europe 950–1320*. New York: Oxford University Press, 2006; MOMMSEN, Theodore E. Petrarch's Conception of the 'Dark Ages'. *Speculum*, v. 17, n. 2, p. 226–242, apr., 1942; MAZZOTTA, GIUSEPPE. *The worlds of Petrarch*. Durham and London: Duke University Press, 1993.

¹²Para um aprofundamento sobre o conceito de representação Cf. SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do Conceito de Representação. *Revista de Teoria da História*. Ano 3, n. 6, dez, 2011. p. 28.

¹³ DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Dir.). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento, 1991, v. 2, pp. 98-139.

¹⁴ HARRIS, Stephen J.; GRIGSBY, Bryon L. (Eds.). *Misconceptions About the Middle Ages*.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

reflexões que nos interessam. A primeira delas, encaminhada por Peter Dendles, é mais geral, diz respeito a esta caracterização da Idade Média como um período sobretudo religioso. O autor afirma que o contexto religioso sempre esteve presente em várias civilizações, não foi apenas na Idade Média que este foi influente, como alguns querem insistir. Num exemplo próximo, o autor aponta a comunidade Quamran, que havia deixado pergaminhos do Mar Morto, e ainda o fazem. A nossa própria sociedade está repleta de valores religiosos, podemos percebê-los no cotidiano. Segundo ele, aplicar essas dominações somente para Idade Média seria um grande equívoco. Dendle explica ainda que a impressão de uma sociedade predominantemente religiosa é devido, sobretudo, ao fato de que a infraestrutura da Igreja estava envolvida na administração de boa parte das funções sociais e culturais, assim, cabia à Igreja administrar e organizar a sociedade, por isso, boa parte dos relatos jurídicos, médicos, e financeiros foram escritos por pessoas ligadas a ela.¹⁵

A segunda contribuição é a de Helen Conrad O' Briain, que levanta uma questão primordial para o debate sobre a educação feminina. Segundo a autora, é difícil levantar dados concretos sobre alfabetização no período medieval, mas o mesmo também ocorre para a modernidade (e, novamente, também nos dias atuais). Outra questão está relacionada com a autoria, já que a visão que temos do que é um autor difere de como a questão era vista na Idade Média. Apesar disso, O'Briain mostra que podemos perceber na documentação certas mulheres envolvidas com atividades comerciais, o que significa que elas possuíam pelo menos conhecimentos matemáticos básicos, não eram analfabetas e ignorantes como alguns insistem em afirmar.¹⁶

Por fim, Mary Dockrya-Miller, apresenta exemplos de mulheres que além de serem viúvas, possuíam cargos de abadessas, exercendo, então, um papel bastante importante nos assuntos que dizem respeito à vida daquelas sociedades como um todo. Um exemplo disso é Hild na Inglaterra. Assim, entre

New York/London: Routledge, 2008.

¹⁵ DENDLE, Peter. "The Age of Faith" Everyone in the Middle Ages Believed in God. In: HARRIS, Stephen J.; GRIGSBY, Bryon L. (Eds.). *Misconceptions About the Middle Ages*. New York/London: Routledge, 2008, p. 49-53.

¹⁶ CONRAD-O'BRIAIN, Helen. Were Women Able to Read and Write in the Middle Ages? In: HARRIS, Stephen J.; GRIGSBY, Bryon L. (Eds.). *Misconceptions About the Middle Ages*. New York/London: Routledge, 2008, p. 236-239.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

personagens femininas que existiram e outras que são caracteres inventados, percebemos que mulher e educação são temas que se relacionam no medievo.¹⁷

Uma última e difícil questão diz respeito ao fato de mulheres se vestirem de homens para ter um papel social. A Papisa Joana fez isso, vestiu-se de homem para melhor integrar-se à sociedade do período e poder executar algumas funções para as quais teria mais dificuldades caso se apresentasse como mulher. Ela não foi um caso único, encontra paralelos em Santa Margarida (cuja existência também é muito debatida entre os historiadores), que, na Legenda Áurea, é mencionada recorrendo a este estratagema (vestir-se como homem) para conseguir entrar em monastério, e uma outra Joana, esta, um personagem histórico, que lutou ao lado de homens vestida como um, trata-se de Joanna D'Arc.

É importante lembrar que, se por um lado temos indícios que mostram mulheres se vestindo de homem para executar algum papel social, também conhecemos mulheres que não precisaram recorrer a estas práticas para exercer atividades intelectuais, ao contrário, podiam apresentar-se como mulher, um exemplo disto é Trótula de Salerno, que viveu entre os séculos XI e XII. Na sociedade irlandesa do período denominado *Early Christian Ireland* também é registrada a participação feminina.¹⁸ Ou seja, trata-se de algo que parece depender do período e do lugar.

Sem dúvida, estudar questões relacionadas com o feminino na Idade Média é algo amplo e complexo. É necessário um diálogo mais profundo, que ultrapassaria e muito os objetivos deste artigo. Estas pinceladas pretendem apenas localizar a problemática abordada. Os estudos de gênero, que de forma alguma se restringem à história das mulheres, tem muito ainda a contribuir para os debates historiográficos.

Por enquanto, vamos nos restringir à Papisa Joana, uma mulher (imaginada? Uma sátira?) que se destacou por sua inteligência, educação e retórica, e que

¹⁷ MILLER-DOCRARY, Mary. The Myth of The Virgin Nun. In: HARRIS, Stephen J.; GRIGSBY, Bryon L. (Eds.). *Misconceptions About the Middle Ages*. New York/London: Routledge, 2008, p. 60-62.

¹⁸ T. M. CHARLES-EDWARDS. *Early Christian Ireland*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. HUGHES, Kathleen. "The Church in Irish society, 400-800". In: Ó CRÓINÍN, Dáibhi. *A New history of Ireland: Prehistoric and Early Ireland*. New York: Oxford University Press, 2005, p. 301-329.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

precisou apresentar-se como homem para exercer suas funções. Aquele que, impulsionado por este artigo, queira seguir nos estudos sobre a Papisa Joana deve se atentar para duas coisas muito importantes: 1) Como já mencionado em vários momentos deste trabalho, trata-se de um personagem inventado. Até onde sabemos, a Papisa não tem sua existência histórica comprovada, é preciso estudá-la, então, a partir de categorias como imaginário e representações; 2) outra advertência, mas não menos importante, é que tampouco podemos associar a imagem da Papisa à de uma única mulher medieval, que represente todas as outras mulheres do período. Uma vez compreendida estas duas advertências, vamos conhecer agora estes 3 documentos e, em sequência, apresentamos a tradução dos mesmos.

II. Apresentação e tradução dos documentos

O primeiro documento que menciona a Papisa Joana é um trecho encontrado na *Chronica Universalis Mettensis*. Não sabemos exatamente a data de composição do mesmo. No entanto, acredita-se que tenha sido confeccionado por volta de 1250, seu autor é Jean de Mailly. O próprio autor do documento não parece muito convencido da existência da Papisa, este é um dos sentidos que “Require”, que abre o documento pode ter. O termo latino sugere algo a ser verificado, que precisa ser investigado. A frase “*Patre, Pater Patrum, Papisse Prodito Partum*” que dá nome a este artigo aparece na crônica de Jean.

O segundo documento que traduzimos é um trecho do *Tractatus de diversis Materiis Praedicabilibus* escrito pelo também dominicano Stephanus de Bourbon entre 1250 e 1261. A idéia desta obra é semelhante à Legenda Aurea, mais conhecida do público brasileiro, ou seja, se pretendia um manual que apresentasse os *exempla* necessários para elaboração de sermões. Ela foi sistematizada em torno dos 7 dons do Espírito Santo, que corresponderiam à divisões (ou livros), embora seu autor tenha morrido antes de tê-la concluído, parou na quinta parte. Ele recorreu às escrituras sagradas, textos dos “Pais da Igreja”, vidas de santos e governantes etc.

Ou seja, se apoiou na tradição do pensamento eclesiástico medieval para compor sua obra. Dentre as utilizações que fez, encontra-se o relato que traduzimos concernente à Papissa Joana, uma adaptação que o autor fez a partir do relato de Jean de Mailly. Pelo que podemos perceber a partir da leitura do documento, a principal intenção de Stephanus ao falar da Papisa é apresentá-la



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

como um exemplo negativo, do que pode ocorrer quando se rompe com os ensinamentos e preceitos cristãos: mesmo uma ação “audaciosa” tem um triste fim.

O terceiro, e último, fragmento diz respeito a um trecho da *Chronicon Pontificum et Imperatorum*, que foi escrita em três edições entre os anos de 1268, 1272 e 1277 por Martin de Opava, assim chamado por ter nascido na região de Opava, Troppau, na região da Moravia (por isso também chamado de Martin von Troppau, em alemão). O autor era da ordem dominicana de Praga, e foi arcebispo de Gniezno na Polônia, por isso também é conhecido como Martinus Polonus, ou seja: Martin da Polônia. Ele foi o primeiro a dar nome à Papissa, que, no documento, aparece como Iohannes Anglicus, João, o Inglês, apesar de no mesmo texto ser dito que nasceu na Mogúncia.

Esta é uma questão complexa, que não nos cabe aqui. Johan Joseph Ignaz von Döllinger, em sua obra “*Fables Respecting the Popes in the Middle Ages: A Contribution to Ecclesiastical History*”¹⁹, fornece 2 opções para o conflito “Iohannes Anglicus nacione Maguntinus”: 1) Os pais de Joana a fizeram emigrar para Mayence; 2) porque foi amante de um monge inglês em Fulda. O autor ainda afirma que na tradição dos manuscritos, aparecem os nomes “Margantinus” e “Marguntinus”. Segundo ele, isto ocorre porque, não conseguindo reconciliar o fato do personagem ser chamado de “o inglês”, embora tenha nascido na Mogúncia, alteraram os manuscritos para mapear o nascimento de Joana na Inglaterra, resolvendo a questão. Döllinger também cita a *Vitae Pontificum*, na qual ao invés de “Iohannes Anglicus nacione Maguntinus” lemos: “Iohannes Teutonicus nacione Maguntinus”. De qualquer forma, trata-se de um documento bastante interessante.

Estes três textos que apresentamos integram o conjunto dos primeiros documentos relacionados à vida da Papisa Joana. Vejamos, então, a seguir, a primeira proposta de tradução destes documentos feita em português brasileiro.

¹⁹ VON DÖLLINGER, Johann Joseph Ignaz. *Fables Respecting the Popes in the Middle Ages: A Contribution to Ecclesiastical History*. Rivingtons, London, Oxford & Cambridge, 1871. P. 64.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Jean de Mailly – *Chronica Universalis Mettensis*

Requiere de quodam papa vel potius papissa, quia femina erat, et simulans se esse virum, probitate ingenii factus notarius curie, deinde cardinalis et tandem papa. Quadam die cum ascenderet equum, peperit puerum, et statim Romana iusticia, ligatis pedibus eius, ad caudam equi tractus est et a populo lapidatus per dimidiam leugam, et ubi obiit, ibi sepultus fuit, et ibi scriptum est: Petre, pater patrum, papisse prodito partum. Sub ipso institutum fuit ieiunium quatuor temporum, et dicitur ieiunium papisse.

A ser verificado sobre um certo Papa, ou melhor Papisa, pois era uma mulher, que se apresentava como se fosse um homem, por causa de sua personalidade e seus talentos tornou-se secretário da Cúria, depois Cardeal e por fim Papa. Certo dia, quando montava em um cavalo, deu a luz a uma criança. Imediatamente, pela justiça romana, foi atada pelos pés a cauda de um cavalo, arrastada e apedrejada pelo povo por meia légua, e lá onde morreu, lá foi sepultada, e lá foi escrito: Pedro! Pai dos Pais, da papisa propague o parto. Sob isto foi instituído um jejum de quatro tempos, chamado de Jejum da Papisa.

Martin de Opava – *Chronicon Pontificum et Imperatorum*

Post hunc Leonem Iohannes Anglicus nacione Maguntinus sedit annis 2, mensibus 7^o, diebus 4, et mortuus est Rome, et cessavit papatus mense 1. Hic, ut asseritur, femina fuit, et in puellari etate Athenis ducta a quodam amasio suo in habitu virili, sic in diversis scienciis profecit, ut nullus sibi par inveniretur, adeo ut post Rome trivium legens magnos magistros discipulos et auditores haberet. Et cum in Urbe vita et sciencia magner opinionis esset, in papam concorditer eligiur. Sed in papatu per suum familiarem impregnatur. Verum tempus partus ignorans, cum de Sancto Petro in Lateranum tenderet, angustiata inter Coliseum et sancti Clementis ecclesiam peperit, et post mortua ibidem, ut dicitur, sepulta fuit. Et quia dominus papa eandem viam semper obliquat, creditur a plerisque, quod propeter detestationem facti hoc faciat. Nec ponitur in cathalogo sanctorum pontifcum propter mulieris sexus quantum ad hoc deformitatem.

Depois de Leão, João Anglicus, nascido na Mogúncia, teve assento por 2 anos, 7 meses e 4 dias, e morreu em Roma, após o que o papado cessou por um mês.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

Sobre este papa, o que dizem é que era uma mulher, que quando menina foi enviada para Atenas vestida em roupas masculinas por um certo amante seu. Assim, tornou-se proficiente em diversas ciências até que não tivesse qualquer um que lhe igualasse, tanto que depois, ensinando o Trivium em Roma, teve grandes mestres como alunos e ouvintes. E porque sua vida e aprendizado eram altamente respeitados na cidade, foi eleito papa. Enquanto papa, todavia, ficou grávida de um companheiro seu. Ignorando o verdadeiro tempo do parto, quando estava indo de São Pedro para o Laterano, deu a luz em um beco entre o Coliseu e a Igreja de São Clemente, e depois de sua morte, é dito, que lá foi sepultada. E porque o Senhor Papa sempre contorna o mesmo caminho, muitos acreditam que o lugar deva ser evitado. Não é mencionada no catálogo dos santos pontífices tanto por ser do sexo feminino quanto por causa desta imoralidade.

Stephanus de Bourbon – *Tractatus de Diversis Materii*

Accidit autem mirabilis audacia imo insania circa annum Dm MC ut dicitur in chronicis. Quaedam mulier litterata et in arte nondi edocta, assumpto virili habitu, et virum se fingens, venit Romam, et tam industria, quam litteratura accepta, facta est notarius curiae, post diabolo procurante cardinalis, post Papa. Haec impraegnata cum ascenderet peperit. Quod cum novisset Romana iustitia, ligatis pedibus eius ad pedes equi distracta est extra urbem, et ad dimidiam leucam a populo lapidata, et ubi fuit mortua ibi fuit sepulta, et super lapidem super ea positum scriptus est versiculus: Parce pater patrum papissae prodere partum. Ecce ad quam detestabilem finem ducit tam temeraria praefumtio.

Um maravilhoso golpe de audácia ou mesmo insanidade, ainda, ocorreu por volta do ano 1100, de acordo com o que é dito nas crônicas. Uma mulher bem educada, versada na arte da escrita, vestida com roupas de homem e tida como se fosse um. Ela foi para Roma, onde ela foi bem recebida por causa de sua vitalidade e cultura; foi nomeada uma secretária da Curia, então, com a ajuda do diabo, cardeal, e finalmente papa. Grávida, ela deu a luz durante uma cavalgada. A justiça romana tendo ciência destes eventos, seus pés foram atados aos pés de um cavalo, que a arrastou pela cidade, e ela foi apedrejada pelas pessoas por uma légua e meia. Ela foi enterrada no lugar de sua morte, e na pedra que cobriu seu



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

corpo foi escrito estas palavras: priva-te, pai dos pais, de da papisa propagar o parto. Eis a que detestável fim tal audácia conduziu.

Conclusão

Na busca incansável para tentar encontrar os fragmentos, compará-los, traduzí-los, foi possível perceber uma coisa importante: a Papisa Joana é muito mais pesquisada no exterior que no Brasil. Trata-se de um personagem fictício. Talvez nunca saberemos os motivos pelos quais esta narrativa veio a existir, mas o fato é que a personagem, tão pouco trabalhada e pesquisada no Brasil, é muito importante para o imaginário relacionado com a história do Cristianismo e da Igreja Católica.

De sabedoria invejável, passando por auxílio demoníaco, até motivo de apedrejamento e rejeição, sem dúvida, a Papisa foi muito utilizada como exemplo a não ser seguido em diversos momentos. Os documentos aqui traduzidos são apenas parte do grande corpus de fragmentos que contam esta história. Esperamos que este trabalho possa servir para instigar novas pesquisas no Brasil, pois há muita coisa a ser explorada neste universo relacionado com a Papisa Joana, personagem tão intrigante, que desperta muita curiosidade, seja na literatura, no cinema, ou mesmo na História da Igreja.

Fontes

- JEAN DE MAILLY – *Chronica Universalis Mettensis*. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores, 24: 514.20. Disponível em: <http://www.dmgh.de> último acesso em 11/10/2013
- MARTIN DE OPAVA – *Chronicon Pontificum et Imperatorum*. In: Monumenta Germaniae Historica, Scriptores, 22: 428.25. Disponível em: <http://www.dmgh.de> último acesso em 11/10/2013.
- STEPHANUS DE BOURBON - *Tractatus de diversis Materiis Praedicabilibus*. Paris, MS. BN Lat. 15970, fol. 574r. 3. Consultado em: VON DÖLLINGER, Johann Joseph Ignaz. *Fables Respecting the Popes in the Middle Ages: A Contribution to Ecclesiastical History*. Rivingtons, London, Oxford & Cambridge, 1871, p. 14.

Bibliografia

- BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BIETENHOLZ, PETER G. *Historia and Fabula: myths and legends in historical thought from antiquity to the modern age*. Brill, 1994. p. 97-107.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

- BREISACH, Ernert. *Historiography: Ancient, Medieval, and Modern*. Chicago Press, 2007.
- CONRAD-O'BRIAIN, Helen. Were Women Able to Read and Write in the Middle Ages? In: HARRIS, Stephen J.; GRIGSBY, Bryon L. (Eds.). *Misconceptions About the Middle Ages*. New York/London: Routledge, 2008, p. 236-239.
- CROSS, DONNA WOOLFOLK. *Pope Joan*. Three Rivers Press, New York, 1999.
- DENDLE, Peter. The Age of Faith? Everyone in the Middle Ages Believed in God. In: HARRIS, Stephen J.; GRIGSBY, Bryon L. (Eds.). *Misconceptions About the Middle Ages*. New York/London: Routledge, 2008, p. 49-53.
- DIMARCO, Vicent - The Medieval Popess . In: HARRIS, Stephen J. : GRIGSBY, Byron L. (Eds.) . *Misconceptions About the Middle Ages*. New York/London: Routledge, 2008, pg 63-70.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Dir.). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento, 1991, v. 2, pp. 98-139.
- FIGG, Kristen Mosseler ; FRIEDMAN, John Block - *Trade, Travel, and Exploration in the Middle Ages : An Encyclopedia*. Ed Routledge, 2013.
- GUARINELLO, Norberto. Uma morfologia da história: as formas da História Antiga. *Politeia: hist. e soc.* Vitória da Conquista, Vol. 3, nº 1, p. 41-61, 2003.
- HARRIS, Stephen J.; GRIGSBY, Bryon L. (Eds.). *Misconceptions About the Middle Ages*. New York/London: Routledge, 2008, p. 236-239.
- HAYDEN WHITE. *Trópicos do Discurso: Ensaíos sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 2001
- HOLLISTER, Warren. The Phases of European History and the Nonexistence of the Middle Ages. *Pacific Historical Review*, v. 61, n. 1, p. 1-22, feb., 1992
- HUGHES, Kathleen. *The Church in Irish society, 400-800*. In: Ó CRÓINÍN, Dáibhi. *A New history of Ireland: Prehistoric and Early Ireland*. New York: Oxford University Press, 2005, p 301-329.
- LUÍS COSTA LIMA. *A Aguarás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- MARTINS, Estevão Rezende. Veritas filia temporis? O conhecimento histórico e a distinção entre filosofia e teoria da história. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 34, p. 5-34, 2009.
- MAZZOTTA, GIUSEPPE. *The worlds of Petrarch*. Durham and London: Duke University Press, 1993.
- MILLER-DOCRARY, Mary. The Myth of The Virgin Nun. In: HARRIS, Stephen J.; GRIGSBY, Bryon L. (Eds.). *Misconceptions About the Middle Ages*. New York/London: Routledge, 2008, p. 60-62.
- MOMMSEN, Theodore E. Petrarch's Conception of the 'Dark Ages'. *Speculum*, v. 17, n. 2, p. 226-242, apr., 1942
- PERNOUD, Régine. *Idade Média: o que não nos ensinaram*. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- PERNOUD, Régine. *O mito da Idade Média*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.
- POWER, Daniel. *The Central Middle Ages: Europe 950-1320*. New York: Oxford University Press, 2006. (Short Oxford History of Europe).
- RÜSEN, Jörn. *História viva: teoria da história III : formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília (DF) : Ed. da UnB, 2010. 159p.
- RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história I: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília (DF): Ed. da UnB, 2010. 194 p..
- RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado: teoria da história II : os princípios da pesquisa histórica*. Brasília (DF) : Ed. da UnB, 2010. 187 p.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

- RUSTICI, CRAIG M. *The afterlife of Pope Joan: deploying the Popess legend in early modern England*. The University of Michigan Press, Usa, 2006.
- SANTOS, Dominique Vieira Coelhos dos. Acerca do Conceito de Representação. *Revista de Teoria da História*. Ano 3, n. 6, dez, 2011. p. 28.
- SANTOS, Dulce OLiveira A. Caminhos e atalhos da historiografia sobre as mulheres medievais. *História Revista* (UFG), Goiânia, v. 2, n.2, p. 69-78, 1996.
- T.M. CHARLES-EDWARDS. *Early Christian Ireland*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- VON DÖLLINGER, Johann Joseph Ignaz. *Fables Respecting the Popes in the Middle Ages: A Contribution to Ecclesiastical History*. Rivingtons, London, Oxford & Cambridge, 1871, p. 64.